

HELENA P. BLAVATSKY sobre Como ver através dos véus da ilusão ou Maya:

Idealismo Objetivo

HELENA P. BLAVATSKY, *SECRET DOCTRINE I*, pp. 39-40

A Doutrina Secreta, I, pp. 157-8

Mâyâ, ou Ilusão, é um elemento que participa de todas as coisas finitas, porque tudo quanto existe possui tão só um valor relativo, e não absoluto, tendo em vista que a aparência assumida pelo númeno perante o observador depende do poder de cognição deste último.

Aos olhos incultos do selvagem uma pintura se apresenta como um aglomerado confuso e incompreensível de linhas e manchas coloridas, ao passo que a vista educada descobre ali imediatamente uma figura ou uma paisagem.

Nada é permanente, a não ser a Existência Una, absoluta e oculta, que contém em si mesma os números de todas as realidades. As existências pertencentes a cada plano do ser, incluindo os Dhyân-Chohans mais elevados, são comparáveis às sombras projetadas por uma lanterna mágica em uma superfície branca. No entanto, todas as coisas são *relativamente* reais, porque o conhecedor é também um reflexo, e por isso as coisas conhecidas lhe parecem tão reais quanto ele próprio.

Para conhecer a realidade das coisas há mister considerá-las antes ou depois de haverem passado, qual um relâmpago, através do mundo material; pois, não podemos discernir essa realidade diretamente, quando só dispomos de instrumentos sensitivos que trazem à nossa consciência apenas os elementos do mundo material.

Seja qual for o plano em que possa estar atuando a nossa consciência, tanto nós como as coisas pertencentes ao mesmo plano somos as únicas realidades do momento. À medida, porém, que nós vamos elevando na escala do desenvolvimento, percebemos que, nos estádios já percorridos, havíamos tomado sombras como realidades, e que o progresso ascendente do Ego é um contínuo e sucessivo despertar, cada passo à frente levando consigo a idéia de que então alcançamos a "realidade". Mas só quando houvermos atingido a Consciência absoluta, e com ela operarmos a fusão da nossa, é que viremos a libertar-nos das ilusões de Mâyâ.

HELENA P. BLAVATSKY, *SECRET DOCTRINE I*, p. 615

A Doutrina Secreta, p. 327

O Espaço é o mundo *real*, ao passo que o nosso é um mundo artificial. É a Unidade Única em toda a sua extensão infinita; em seus abismos sem fundo, como em sua superfície ilusória, superfície pontilhada de inumeráveis Universos fenomenais, de Sistemas e de Mundos à semelhança de miragens. Mas, para o ocultista oriental, que no fundo é um **Idealista objetivo**, existe no Mundo *real*, que é uma Unidade de Forças, "uma conexão de toda a Matéria no *Plenum*", como diria Leibnitz. E isto se acha simbolizado no Triângulo Pitagórico.

HELENA P. BLAVATSKY, *SECRET DOCTRINE I*, p. 631

A Doutrina Secreta, p. 343

A Filosofia Esotérica, ao ensinar um **Idealismo objetivo** (embora considere o Universo objetivo e tudo o que nele se contém como *Mâyâ*, Ilusão temporária) faz uma distinção prática entre a Ilusão Coletiva, *Mahâmâyâ*, do ponto de vista puramente metafísico, e as relações objetivas, que ela comporta, entre diversos Egos conscientes, enquanto dura essa Ilusão.

HELENA P. BLAVATSKY, *MODERN IDEALISM, WORSE THAN MATERIALISM*

IDEALISMO MODERNO, PIOR QUE O MATERIALISMO

[*The Theosophist*, Vol. XVIII, No. 1, Outubro, 1896, pp. 9-12]

[*Blavatsky Collected Writings*, Vol. 8, pp. 94-7]

Vejam, por exemplo, o caso do Sol. Para o **Realista**, a esfera gloriosa existe fora e independentemente da Mente, *assim como aparece na consciência*. Para o **Idealista** é a criação da Mente e perece com ela. Para o **Idealista objetivo**, com a Mente perece o Sol fenomenal, mas uma *Substância desconhecida – removida além da possibilidade da concepção humana quanto à sua natureza – fica*.

Isto – exceto a "Substância Desconhecida" – o **Ocultista** negará. Para ele, tanto o sujeito quanto o objeto, Ego, Sol, Mente e o próprio Universo é um *Mâyâ*, uma enorme ilusão. Mas, como tanto o Perceptor quanto o Objeto percebido pertencem ao mesmo plano de ilusão, eles são realidades mútuas e recíprocas *para o tempo que dura a ilusão Manvantárica*. Na Realidade, e fora e além do Espaço e do Tempo, tudo isso é efeito e resultado da ignorância.

(...) O Sr. Herbert Spencer sabe, parece, de apenas um grau de subjetividade, e não tem idéia do ensino oculto (*Ioga*), da existência de outros planos superiores de consciência, visão ou percepção, do que os da Mente; da existência, em suma, do "Ego Transcendental" ou verdadeiro *eu [self]* (Buddhi) — uma centelha da essência radiante do Espírito Universal.

Consequentemente, à pergunta do Sr. Spencer — "Se é o verdadeiro eu que pensa, de que outro eu pode ser que se pensa?", respondemos: O verdadeiro Eu é *per se*, impessoal; a consciência *pessoal* ou cerebral é apenas um reflexo ilusório na existência encarnada.

A Psicologia Ocidental erra ao considerar este ego *pessoal* como o único fator a ser considerado em suas pesquisas. O argumento, portanto, quanto à inconceitabilidade do Sujeito perceber a si mesmo – que, *se limitarmos o Sujeito à Mente* (Manas) é absolutamente válido – colapsará no momento em que afirmarmos com Kant e seus expoentes modernos, a existência de um Eu Superior ou "Sujeito Transcendental".

Pois, no ato de autoanálise, a *Mente* torna-se, por sua vez, um objeto da consciência espiritual. É a ofuscação da Mente por *Buddhi* que resulta na *realização final da existência* — ou seja, a *autoconsciência em sua forma mais pura*. Mas, ao mesmo tempo, é preciso ter em mente que a plena realização do Eu espiritual é impossível para alguém na 4ª Ronda. O ego Espiritual não reflete nenhum estado variável de consciência; é independente de toda sensação (experiência); ele não *pensa* – ele SABE, por um processo intuitivo, apenas vagamente concebível pelo homem comum. "O sujeito que percebe" a mente, como um atributo de si mesmo, é este Ego Transcendental ou espiritual (Buddhi).
